



A DISSIDÊNCIA ESPIRITUAL DE NGO'O E A SACRALIDADE DO Ü'ÜNE NO TERRITÓRIO IMEMORIAL DO EWARE

*THE SPIRITUAL DISSENT OF NGO'O AND THE SACREDNESS OF THE
Ü'ÜNE IN THE IMMEMORIAL TERRITORY OF EWARE*

*LA DISIDENCIA ESPIRITUAL DE NGO'O Y LA SACRALIDAD DE
Ü'ÜNE EN EL TERRITORIO INMEMORIAL DE EWARE*

DOI: 10.5281/zenodo.22760301



Maria Auxiliadora Coelho Pinto¹

RESUMO

Este trabalho, intitulado "A dissidência espiritual de ngo'o e a sacralidade do ü'üne no território imemorial do Eware", consubstancia uma imersão investigativa realizada junto à comunidade Magüta de Vendaal, no Alto Solimões — região onde esse grupo se consolida, contemporaneamente, como o contingente demográfico originário mais expressivo do país. Na ontologia local, o Eware transborda a dimensão geográfica para erguer-se como o epicentro dos seres imortais que tece teias indissociáveis entre a humanidade e as alteridades que povoam a sobrenaturalidade. Nesse universo ancestral, a arquitetura cósmica Magüta abriga potências invisíveis e entidades da dimensão oculta que desempenham papéis socioculturais ativos na organização coletiva. Destacam-se, nesse panorama, as categorias do ser dissidente *ngo'o*, pertencente ao universo mítico, e do ser *ü'üne*, proveniente da sacralidade, cujas presenças perenes operam como pilares constitutivos da identidade e da memória local. Sob essa perspectiva, a investigação debruça-se sobre a cartografia sensível desse espaço tradicional, no qual o manejo da terra, os rituais e a transmissão dos saberes originários se articulam mutuamente. O objetivo geral desta investigação foi compreender a relação entre a dissidência de *ngo'o* e a sacralidade de *ü'üne* no igarapé sagrado Magüta, buscando descrever esse episódio a partir

¹ Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM). Mestra em Estudos Amazônicos pela Universidade Nacional da Colômbia (UNAL). Professora do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga, da Universidade Estado do Amazonas (UEA). E-mail: mcpinto@uea.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3791-6477>





da tradição oral e analisar seu impacto na organização sociocultural atual do povo. Desse modo, buscou-se apreender como a persistência dessas figuras atua como um ato de resistência frente às pressões e assimetrias da modernidade ocidental. Ancorada em uma abordagem qualitativa de aproximação etnográfica, a pesquisa de campo realizou-se por meio de observação participante e entrevistas com vinte interlocutores, selecionados estrategicamente por suas faixas etárias e atribuições cosmopolíticas na comunidade.

Palavras-chave: Dissidência espiritual; sacralidade; Dualidade Cósmica; Magüta; Alto Solimões.

ABSTRACT

This work, titled "The spiritual dissent of Ngo'o and the sacredness of Ü'üne in the immemorial territory of Eware," embodies an investigative immersion conducted alongside the Magüta community of Vendaval in the Upper Solimões—a region where this group contemporaneously stands as the most expressive indigenous demographic group in the country. In local ontology, Eware transcends the geographic dimension to stand as the epicenter of immortal beings, weaving inseparable webs between humanity and the alterities that populate the supernatural. In this ancestral universe, the Magüta cosmic architecture harbors invisible forces and hidden-dimension entities that play active sociocultural roles in collective organization. Prominent within this panorama are the categories of the dissident being *ngo'o*, belonging to the mythical universe, and the being *ü'üne*, originating from the realm of the sacred, whose enduring presences operate as foundational pillars of local identity and memory. Under this perspective, the investigation examines the sensory cartography of this traditional space, in which land management, rituals, and the transmission of indigenous knowledge are mutually articulated. The general objective of this research was to understand the relationship between the dissent of *ngo'o* and the sacredness of *ü'üne* in the sacred Magüta creek (*igarapé*), seeking to describe this episode based on oral tradition and analyze its impact on the contemporary sociocultural organization of the group. In this manner, the study sought to grasp how the persistence of these figures acts as an act of resistance against the pressures and asymmetries of Western modernity. Anchored in a qualitative approach with an ethnographic orientation, field research was conducted through participant observation and interviews with twenty key informants, strategically selected based on their age groups and cosmopolitical roles within the community.

Keywords: Spiritual dissent; sacredness; Magüta; Upper Solimões.

RESUMEN

Este trabajo, titulado "La disidencia espiritual de ngo'o y la sacralidad de ü'üne en el territorio inmemorial de Eware", plasma una inmersión investigativa llevada a cabo con la comunidad Magüta de Vendaval, en Alto Solimões, una región donde este grupo se consolida actualmente como el contingente demográfico indígena más expresivo del país. En la ontología local, Eware trasciende las dimensiones geográficas para erigirse como el epicentro de los seres inmortales, tejiendo telarañas inseparables entre la humanidad y las alteridades que pueblan lo sobrenatural. En este universo ancestral, la arquitectura cósmica Magüta alberga poderes y entidades invisibles de la dimensión oculta que desempeñan papeles socioculturales activas en la organización colectiva. En este contexto, destacan las categorías del ser disidente *ngo'o*, perteneciente al universo mítico, y del ser *ü'üne*, originario de lo sagra-





do, cuyas presencias perennes operan como pilares constitutivos de la identidad y la memoria locales. Desde esta perspectiva, la investigación se centra en la cartografía sensible de este espacio tradicional, en el que la gestión de la tierra, los rituales y la transmisión del conocimiento original están interconectados. El objetivo general de esta investigación fue comprender la relación entre la disidencia de los *ngo'o* y la sacralidad de *ü'üne* en el arroyo sagrado Magüta, buscando describir este episodio a partir de la tradición oral y analizar su impacto en la organización sociocultural actual del pueblo. De este modo, el objetivo era comprender cómo la persistencia de estas figuras actúa como un acto de resistencia contra las presiones y asimetrías de la modernidad occidental. Anclada en un enfoque cualitativo de enfoque etnográfico, la investigación de campo se llevó a cabo a través de observación participante y entrevistas con veinte interlocutores, estratégicamente seleccionados por sus grupos etarios y atribuciones cosmológicas en la comunidad.

Palabras-clave: Disidencia espiritual. Lo sagrado. Magüta. Alto Solimões.

1. INTRODUÇÃO

A compreensão da arquitetura cósmica do povo Magüta requer romper com as matrizes eurocêntricas que dicotomizam tempo, espaço e sacralidade. No Alto Solimões, o território imemorial do Eware transcende a mera demarcação geográfica para configurar-se como matriz originária da criação — um epicentro existencial onde as dimensões visível e invisível coabitam em contínua reciprocidade. É nesse horizonte ontológico que se articula uma dialética fundamental para a vida desse povo: a fricção dinâmica entre a dissidência espiritual de *ngo'o* e a sacralidade perene do *ü'üne* no contexto cultural Magüta.

A elucidação dessas profundas dinâmicas rituais e identitárias que estruturam o cotidiano e a resiliência desta população — consagrada como o maior grupo indígena da Amazônia brasileira — pressupõe uma imersão na geografia mítica que fundamenta a sua existência e territorialidade na região transfronteiriça do estado do Amazonas.

A tessitura de sua identidade e soberania coletiva emerge desse berço primordial de sua centralidade cósmica, de onde o herói civilizador e cultural Yo'i pescou os primeiros antepassados das águas vermelhas primordiais do igarapé Eware. Como tal, esse igarapé imemorial atua como uma paisagem espiritual viva, onde as fronteiras tangíveis entre o domínio humano e as dimensões ocultas da sobrenaturalidade se diluem e se interpenetram continuamente. Foi justamente a partir desse horizonte de conexões transcendentais que a investigação de





campo buscou compreender de que maneira as forças invisíveis orientam a ética, a moral, as categorias de parentesco e as práticas socioculturais na comunidade de Vendaval, localizada no município de São Paulo de Olivença — território no qual o trabalho etnográfico se consolidou.

O cerne do pensamento cosmológico e da filosofia Magüta encontra-se profundamente alicerçado em uma dissidência estrutural do ser, um desvio arquetípico que fragmentou a imortalidade original e instituiu a cisão definitiva entre os viventes terrestres — mortais — e o ecossistema espiritual oculto. Nesse limiar metafísico, os *ü'ünegü*² personificam os entes imortais e encantados que protegem a pureza e a ancestralidade atemporal, ao passo que os *ngo'ogü* corporificam espíritos, demônios e forças invisíveis que habitam o interior da floresta sob um estatuto de profunda ambivalência, oscilando entre a proteção e a ameaça. O marco fundador dessa cisão ontológica reside na desobediência ritual protagonizada por To'oena em seu período de reclusão durante o ciclo de puberdade feminina. Ao transgredir as severas interdições sagradas e ceder à investida sedutora de um *ngo'o*, operou-se uma irreversível troca de peles e de natureza humana: a juventude perene e a imortalidade foram usurpadas pelas forças do oculto, restando à humanidade Magüta a velhice, o adoecimento e a inserção definitiva na brevidade da vida biológica.

A partir desse ato dissidente, as entidades encantadas assumiram um caráter marcadamente severo e vigilante; a maldade ou a perversidade que frequentemente lhes é atribuída na contemporaneidade não reflete uma essência puramente maligna, mas emerge como uma reação punitiva e corretiva necessária para conter desvios de conduta humanos, frear infrações ecológicas e punir alianças consanguíneas proibidas pelo ordenamento clânico, como o *womatchi*³.

2 A alteração na grafia dos termos ocorre porque, na língua materna Magüta, o acréscimo do sufixo – (gü) indica a flexão de plural dos substantivos (transformando *ngo'o* em *ngo'ogü* e *ü'üne* em *ü'ünegü*)

3 Termo que designa o casamento ou as relações amorosas proibidas, considerados errados, ou a união incestuosa conhecida como "mistura de sangue", que ocorre quando duas pessoas do mesmo clã se relacionam. Na cosmologia Magüta, os primeiros a cometerem essa quebra de tabu foram os filhos de Lua. Como punição por gerarem essa vergonha social, eles foram isolados pelas divindades no "mundo de cima" e transformados em estrelas.



A mediação entre esses planos assimétricos é realizada pelos detentores da tradição oral — anciãos e anciãs de conhecimentos espirituais, cujas narrativas sobre seres como *Tchoreruma*, *Yureu*, *Nge'cutü*, *Tchatchacuna* e *Na'tchi'i* atuam como ferramentas pedagógicas e de regulação social. Para alcançar o objetivo proposto, buscou-se descrever esse episódio a partir da memória coletiva e analisar seu impacto na dinâmica sociocultural do povo. Por fim, o estudo organiza-se a partir do mapeamento dessa cosmologia, discutindo as funções míticas das entidades, a perda da imortalidade decorrente da dissidência do ser e as implicações desses legados para a afirmação étnica Magüta.

2. METODOLOGIA

A investigação de universos cosmológicos e de sistemas de pensamento estruturados em lógicas não ocidentais impõe ao pesquisador a escolha de um arcabouço metodológico capaz de capturar a profundidade e a fluidez das realidades simbólicas e das vivências originárias. Historicamente, os habitantes originários foram alvo de diferentes percepções e julgamentos quanto às características, aos comportamentos, às capacidades e à natureza biológica e espiritual que lhes são próprias (Pinto, 2021).

Para dar conta da sutil tessitura que une a vida cotidiana e a dimensão espiritual na comunidade Magüta de Vendaval, este estudo estruturou-se a partir de uma abordagem qualitativa — uma escolha epistemológica que se afasta da rigidez métrica para se lançar na densidade das experiências vividas.

Ao priorizar a dimensão existencial humana, a pesquisa qualitativa se volta para os nexos de sentido, as intencionalidades, os sistemas de crenças, as matrizes de valores e as condutas éticas que dão forma à organização comunitária e à ação individual dos sujeitos em seus territórios tradicionais. Sob essa lente compreensiva, o itinerário investigativo teve início com uma rigorosa etapa de revisão bibliográfica, caracterizada pelo levantamento criterioso e pela análise densa de produções acadêmicas contemporâneas diretamente vinculadas à temática indígena, à etnologia amazônica e às teorias da cultura, passo indispensável para consolidar o





referencial teórico que sustentou a análise de campo.

A construção desse alicerce bibliográfico preliminar cumpre a função de calcular teoricamente o desenho metodológico da pesquisa, evitando redundâncias heurísticas e instrumentalizando o aparato analítico do investigador. Trata-se de um mapeamento epistêmico vital para subsidiar o olhar sensível do pesquisador no momento do confronto com a alteridade radical. A fundamentação deste estudo baseou-se na realização de uma pesquisa de campo qualitativa, que surge, com diferentes enfoques, como alternativa para a investigação (Triviños, 1987).

O processo de construção dos dados ocorreu por meio da observação combinada ao uso contínuo de um diário de campo, ferramenta essencial para documentar, de forma estruturada, o cotidiano, os diálogos, as dinâmicas comunitárias e as próprias percepções analíticas da autora durante o percurso investigativo. Adicionalmente, foram realizadas entrevistas com vinte integrantes da etnia em questão, cuja escolha seguiu critérios intencionais que consideraram a representatividade de diferentes ciclos geracionais e as funções sociais que exercem no grupo.

Essa delimitação amostral ampara-se na premissa de que a “ciência não é um sistema dogmático e cerrado, mas controvertido e aberto, isto é, constitui um sistema aberto capaz de progredir” (1992, p. 36). Por fim, a etapa de tratamento do material coletado consistiu no cruzamento das evidências obtidas com as metas do estudo e o aporte teórico selecionado. Nesse processo, todo o cronograma foi executado de maneira dialógica e participativa, garantindo a solidez e a clareza dos resultados alcançados.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Na literatura colonial e nas primeiras crônicas de viajantes, as narrativas sobre os seres da cosmologia amazônica eram frequentemente distorcidas por severos exageros interpretativos e pelo etnocentrismo dos cronistas. Entidades fundamentais para o equilíbrio das florestas e das águas foram sistematicamente traduzidas por termos reducionistas como "demô-





nios", "espíritos malignos" ou "forças da escuridão". Nessas crônicas, tais seres eram retratados a partir de morfologias híbridas e configurações grotescas, atribuindo-se a eles características aberrantes e condutas tidas como enigmáticas ou imprevisíveis. Embora Djalma Batista (2007, p. 172) ressalte que “esse ciclo constituiu, de qualquer maneira, uma grande transformação na vida da Amazônia brasileira, em todos os sentidos”, sob expressões teóricas mais formalizadas, esse estranhamento estético e comportamental nada mais é do que o reflexo do choque epistêmico ocidental diante da alteridade radical e da autonomia dessas entidades não humanas, cujas formas multifacetadas expressam a própria complexidade indômita da floresta.

No entanto, na ontologia indígena, esses seres e divindades são percebidos sob outros olhares e mediados por uma profunda ética da cautela. Mesmo aqueles entes considerados perigosos, intempestivos ou potencialmente destrutivos para os Magüta não se encaixam na noção ocidental de maldade intrínseca. Os ngo'ogü desestabilizam radicalmente essa taxonomia eurocêntrica: eles representam entidades encantadas, guardiões territoriais e donos de domínios ecológicos específicos na densidade da floresta e no abismo das águas profundas.

Essa relação pautada no respeito e no temor reverente revela que, para os Magüta, a alteridade não humana exige negociação constante, e não adoração ou aniquilamento. Conforme aponta a antropologia contemporânea dos povos amazônicos, a categoria de "Dono" implica uma função reguladora indispensável: os Ngo'ogü controlam o acesso aos recursos vitais (a caça, a pesca, a integridade das árvores e dos igarapés). A perversidade ou agressividade atribuída a eles na vivência indígena é, na verdade, uma resposta à quebra de acordos éticos e ecológicos por parte dos humanos.

Portanto, o medo ou a cautela direcionados aos ngo'ogü não decorrem de um pavor do sobrenatural abstrato, mas sim da consciência de que o território é uma arena compartilhada. Onde o colonizador enxergou uma prática controversa a ser erradicada, a ciência Magüta reconhece uma intrincada diplomacia cósmica. Nesse sistema, o respeito aos limites impostos pelos guardiões invisíveis do Eware configura-se como a única garantia de sobrevivência biológica e cultural do próprio grupo.





O caminho interpretativo para compreender a dissidência dessas entidades reside nos pressupostos da pluralidade de naturezas e das ontologias relacionais. Ao contrário da visão ocidental de uma natureza única — que pressupõe uma só realidade física governada por múltiplas interpretações culturais —, as metafísicas amazônicas operam na lógica inversa. Segundo essa vertente da antropologia contemporânea, o cosmos é habitado por uma multiplicidade de agências humanas e não humanas (animais, plantas e espíritos) que partilham de uma mesma humanidade de fundo, como a alma, a cultura e a subjetividade, mas diferem em suas roupagens corporais e biológicas (as múltiplas formas e aparências). Sob este prisma, os *ngo'ogü* possuem pontos de vista próprios, intencionalidade e direitos intrínsecos sobre o território imemorial do Eware. A sua suposta dissidência ou hostilidade não advém de uma essência malévola ou de um vício moral baseado no mal absoluto; pelo contrário, responde a uma lei espiritual e ecológica direcionada àqueles que transgridem as leis socioambientais que ordenam a sua cultura. Essa dinâmica se alinha à perspectiva de Clifford Geertz (2008, p. 10), que define a cultura “como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”

A atuação da força *ngo'o* funciona como um mecanismo de justiça ecológica imanente. Sempre que um caçador, pescador ou agente externo ultrapassa os limites permitidos — seja desrespeitando os tempos de resguardo ou extraindo recursos além da subsistência —, ocorre uma intervenção para restaurar o equilíbrio. Assim, o que o olhar colonizador qualifica como ataque espiritual ou perversidade é, fundamentalmente, a aplicação prática de uma jurisprudência originária. A hostilidade manifestada por essas entidades funciona como um limite ético intransponível: uma advertência de que o Eware não é um estoque de mercadorias, mas uma comunidade de parentes não humanos que exige respeito e reciprocidade.

Assim, ao sancionar os transgressores das normas socioambientais, os *ngo'ogü* reafirmam a soberania de seu ordenamento sobre o território ancestral. Longe de ser um espaço vazio e disponível à exploração predatória, o Eware se impõe como um tecido vivo de obrigações mútuas. A penalidade imposta por essas entidades não é um ato de violência gratuita,



mas sim a proteção necessária para que a ganância humana não destrua os fundamentos cosmológicos que sustentam a própria vida.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Os dissidentes *ngo'ogü* a nível espiritual: a dualidade entre diferentes mundos na cultura Magüta

Os dissidentes *ngo'ogü* corporificam o limiar da ordem moral e cósmica dentro da rica espiritualidade e da dualidade entre diferentes mundos na cultura Magüta. Na cosmovisão desse povo originário, o universo é estruturado sob uma constante tensão e dualidade: o plano visível e cotidiano dos seres humanos (as aldeias e comunidades) e o plano invisível da floresta profunda — o sagrado território do Eware, habitado por imortais, divindades e seres sobrenaturais. Geertz afirma que “os símbolos sagrados relacionam uma ontologia e uma cosmologia com uma estética e uma moralidade” (2008, p. 94).

É nessa fronteira que se dá a atuação do dissidente — termo que, na espiritualidade Magüta, define o ser *ngo'o*: uma entidade que se distanciou da convivência social harmônica para se isolar no domínio e sob a proteção da natureza, tornando-se uma força maligna. Essa separação geográfica e espiritual reflete diretamente a dinâmica entre o equilíbrio coletivo e a desordem: enquanto a harmonia está associada à preservação da vida comunitária, ao respeito às leis do herói criador Yo'i e ao cumprimento rigoroso dos ritos as forças disruptivas manifestam-se no caos, nas doenças e na quebra dessas regras sagradas.

No entanto, a atuação do dissidente equilibra essas polaridades. Embora o ser *ngo'o* movimente forças perigosas que espreitam no invisível para adoecer aqueles que transgridem as normas da comunidade, ele opera, paradoxalmente, como um severo guardião da moral clânica. O medo da investida dessas entidades atua como uma ferramenta pedagógica essencial, compelindo os humanos a manterem a conduta correta.

Assim, a figura mística do *ngo'o* conecta as dimensões material e sobrenatural, demonstrando que ordem e caos coexistem em fricção constante para assegurar a justiça, a tradi-



ção ancestral e a sobrevivência do "povo pescado" — surgido do igarapé Eware. Essa relação com o sagrado ganha contornos mais nítidos quando Pinto (2021, p. 102) complementa que “o santuário imortal Eware tem sua magia de águas misteriosas, as quais refletem vermelho com referências e sintonias divinais”. Para compreender simbolicamente essa cor refletida, é preciso um mergulho no universo mítico em tempos ancestrais.

Nesse contexto, a entidade *ngo’o* encarna a alteridade profunda, habitando o universo oculto e as frestas da natureza selvagem. Sua dissidência espiritual não deve ser compreendida sob a moralidade ocidental do bem contra o mal, mas sim como uma ruptura fundante na ordem cosmológica. Ela representa a dissociação, a força intempestiva e o perigo que espreita os limites do mundo humano — uma potência que se afastou da convivência direta, mas que deixou marcas ancestrais na geografia do Eware. Essa dissidência estabelece a necessidade de respeito, resguardo e medo ritualístico como formas de manutenção do equilíbrio ecológico e espiritual, evidenciando o valor material, simbólico e espiritual que esses seres e elementos da natureza possuem (Pinto, 2026).

Em contraposição e simetria a essa força dissidente, ergue-se a sacralidade do *ü’üne*. As entidades *ü’ünegü* são os seres imortais, os guardiões da ordem primordial que permaneceram vinculados à sacralidade original do território. Se o *ngo’o* é a força da desagregação e do ocultamento, o *ü’üne* é a manifestação da permanência, da cura e da própria imortalidade Magüta. É através da sacralidade do *ü’üne* que o território do Eware se consagra como um refúgio intocável, onde as regras de parentesco (os clãs de penas e sem penas), os rituais de passagem e a cura encontram sua validação cósmica.

Investigar essa relação dentro do território imemorial do Eware é compreender como a comunidade Magüta performa sua existência no cotidiano. A soberania e a defesa desse território não se justificam apenas em termos jurídicos, geopolíticos ou cartográficos, mas por um direito originário interconectado à própria existência no mundo espiritual. O Eware se mantém vivo porque o equilíbrio dinâmico entre a dissidência de *ngo’o* e a sacralidade de *ü’üne* continua sendo manejado, respeitado e vivenciado pelas lideranças espirituais, pajés





(yuücü) e pelo povo Magüta, garantindo que a terra da criação permaneça para sempre sagrada, sob a vigilância dos seres da imortalidade e das encantarias.

4.2 Tecendo conexões entre a espiritualidade e os aspectos identitários

A estruturação social e o patrimônio epistemológico da sociedade Magüta encontram-se alicerçados em uma tradição milenar que organiza as esferas comunitárias e culturais a partir de uma matriz mítica fundacional.

No pensamento existencial local, a identidade de um povo originário não se reduz a marcadores geográficos, linguísticos ou burocráticos; ela é, fundamentalmente, uma extensão de sua própria tessitura cosmológica. Para o povo Magüta, os aspectos identitários estão indissociadamente ligados à espiritualidade que emana do igarapé imemorial Eware. Longe de figurar como um conjunto de crenças abstratas, a vida espiritual constitui a infraestrutura metafísica que dita as regras de parentesco, a organização social, o manejo territorial e a agência política. É nessa fricção constante entre o visível e o invisível que se forja o estatuto de pertencimento do "povo pescado" por Yo'i, diferenciando-o radicalmente das alteridades que orbitam o mundo comum.

Nessa perspectiva, a espiritualidade atua como o principal dispositivo de resistência e afirmação étnica frente às pressões homogeneizadoras e às assimetrias da modernidade ocidental. A manutenção dos ritos — como o complexo cerimonial da *worecü* (Moça Nova) — performa uma pedagogia da memória que ativa os códigos de pertencimento clânico. Ao cobrirem seus corpos com as pinturas sagradas de jenipapo e urucum dentro do santuário da maloca, os indivíduos não apenas reproduzem uma herança estética, mas reatualizam graficamente suas linhagens míticas e reivindicam suas coordenadas específicas no mundo originário das tradições. A espiritualidade dota a comunidade, portanto, de uma soberania ontológica: ser Magüta significa habitar um corpo coletivo que responde diretamente à vigilância das forças da floresta e dos seres da imortalidade.





Essa conexão íntima entre o sagrado e a identidade manifesta-se de forma contundente na ética cotidiana e no manejo do território tradicional. A presença latente e perene de entidades ambivalentes como os *ngo'ogü* e os *ü'ünegü* estabelece a necessidade de um respeito reverencial e de um medo ritualístico que moldam a conduta moral do grupo. Para Pinto (2026, p. 28), “os imortais *ü'ünegü*, na profunda cosmovisão, vigiam os caminhos da mata, da montanha e do chão, punindo com olhares severos o incesto clânico, onde a própria floresta revela seu poder soberano”.

Os limites da floresta profunda não são demarcados por fronteiras geopolíticas estatais, mas por interdições espirituais que exigem regimes de resguardo, dietas de purificação. Assim, a preservação do ecossistema e o cuidado com a terra da criação convertem-se em deveres cósmicos. Ofender a floresta ou descumprir as prescrições dos anciãos e pajés implica quebra da própria coesão identitária, aproximando o indígena do esquecimento de suas origens e da diluição no mundo dos mortais civilizados.

Por fim, decifrar as conexões entre o plano transcendental e a atuação terrena revela que a espiritualidade é a força motriz que sustenta a resiliência histórica Magüta. Como bem sintetizam os ensinamentos dos idosos e colaboradores da comunidade de Vendaval, a sabedoria ancestral integra corpo, alma e espírito em uma única malha de continuidade histórica.

Diante dos processos históricos de espoliação e violência colonial, foi a histórica resistência do coletivo, ancorada nos pactos ancestrais e na vivência espiritual, que impediu o desaparecimento cultural do grupo. A busca incessante pela imortalidade e o anseio pelo arrebatamento cósmico da maloca operam como utopias políticas vivas: elas demonstram que, para o povo Magüta, o futuro de sua identidade depende estritamente da fidelidade aos pactos espirituais firmados no tempo da gênese, garantindo que o coletivo permaneça soberano e profundamente conectado à sua raiz cosmológica.





4.3 Transgressão espiritual e sacralidade: o papel do *ngo'o* e *ü'üne* na regulação moral Magüta

A dinâmica social e a ordem ética do povo Magüta articulam-se a partir de uma tensão constante entre as esferas da sacralidade e da transgressão espiritual. Nesse horizonte cosmológico, a moralidade coletiva não é mantida apenas por códigos jurídicos humanos, mas pela agência direta de forças invisíveis que habitam o território imemorial do Eware.

Enquanto os *ü'üne* representam os seres imortais que delimitam os marcos da ordem primordial, da cura e dos rituais de consagração, os *ngo'o* (e o complexo dos *ngo'ogü*) corporificam as forças disruptivas, intempestivas e punitivas que espreitam as frestas da natureza viva. Juntas, essas entidades atuam como instâncias reguladoras de conduta, em que o medo do castigo sobrenatural e o respeito ao sagrado se entrelaçam para coibir desvios como o incesto clânico (*womatchi*) e as quebras rituais. Compreender a simetria entre a permanência do *ü'üne* e a clivagem do *ngo'o* é, portanto, desvelar o próprio mecanismo de preservação ontológica, ecológica e identitária desse povo nas terras do Alto Solimões.

No território Eware — concebido como o santuário primordial e o berço ontológico da sociedade Magüta —, a preservação e o respeito às espécies botânicas locais atuam como guardiões dos mistérios de uma civilização originada das águas, cuja subsistência e ordenação são mediadas por divindades tutelares. Sob essa perspectiva espiritual, Pinto (2026) destaca o papel decisivo dos anciãos locais na preservação da ancestralidade e na manutenção viva dessas concepções cosmológicas.

Para os Magüta, os antepassados imortais habitam os fluxos hídricos sagrados do Eware, convertendo essas águas em mananciais de vida e inspiração que convidam a múltiplas interpretações sobre a intervenção divina na criação da humanidade. Nesse prisma, os aprendizados e fatos históricos são narrados com vivacidade, revelando grandes epifanias místicas de acolhimento e proteção voltadas ao Eware — um território imemorial mobilizado para a realização de ritos e para a reverência a entidades encantadas que resguardam a terra, a





floresta, a atmosfera e os recursos hídricos, assegurando o equilíbrio cósmico, a reprodução da vida e a integridade dos ecossistemas que sustentam a comunidade.

Nos tempos primordiais, o mundo Magüta era marcado pelas constantes aparições e interferências de divindades e seres encantados. Essas entidades imortais apresentavam um espectro variado de condutas, subdividindo-se em forças benévolas, malévolas e cruéis, cuja dinâmica alterava profundamente o cotidiano humano até a consolidação da vida breve.

Os *ü'ünegü* de comportamento ambíguo operavam como transgressores das diretrizes culturais. Os relatos indígenas apontam que essa investida disruptiva direcionava-se frequentemente às jovens em fase de puberdade, submetidas ao ritual de passagem feminino; por estarem em um ciclo de transição e sob condições de impureza ritual, tais jovens demonstravam maior vulnerabilidade a essas forças, que as incitavam a condutas incongruentes e interditas.

Historicamente, o povo Magüta desenvolveu categorias complexas para manejar as entidades associadas à esfera do demoníaco, integrando-as ao seu sistema de crenças e personificando-as em performances rituais dotadas de densa carga simbólica. Esses seres são interpretados por seus mediadores como potências da natureza que, em sua singularidade espiritual, desempenham funções protetivas e fiscalizadoras específicas. No entanto, o universo sutil abriga também os *ngo'o*, categorizados como espíritos perversos e implacáveis que emergem da vida tribal, atraindo as energias negativas suspensas entre o firmamento e o plano terrestre.

O conjunto dessas entidades sinistras compõe o grupo dos *ngo'ogü*, espíritos invisíveis cujas ações cruéis afetam a coletividade e, por vezes, transcendem as fronteiras interétnicas, sendo amplamente temidos por sua eficácia nefasta. Sob a perspectiva teórica de Stuart Hall (2003), essas dinâmicas evidenciam que a cultura opera como um sistema vivo de representações, capaz de moldar e conferir densidade ao cotidiano comunitário. Diferente de ser estática, a realidade desse povo originário reconfigura-se constantemente por meio de suas práticas de significação. Nesse universo simbólico, as forças do plano invisível exercem papel central: destaca-se *Na'tchi'i* — a alma ou sombra (espírito) dos mortos que se apresenta aos vivos —



embora nem todos possuam a sensibilidade de vê-la —, e que atende prontamente ao chamado do pajé. Paralelamente, manifesta-se.

Entre essas entidades, destaca-se *Yureu*, um ser encantado de comportamento marcadamente hostil e extrema perversidade. O *ngo'o Yureu* caracteriza-se por portar uma lâmina altamente afiada utilizada prioritariamente para punir os sujeitos que incorrem na prática do *womatchi*.

Definido pela comunidade como um crime consanguíneo de envolvimento afetivo e incesto clânico, o *womatchi* atrai a fúria de *Yureu*, que atua como um agente florestal de punição, assemelhado à figura de um anjo decaído castigado no plano terreno. Esse ser sobrenatural transita entre o submundo espiritual e a esfera humana, sendo capaz de metamorfosear-se em um indivíduo comum para espreitar e eliminar, de forma sorrateira, aqueles que violam os interditos de parentesco estabelecidos pela sociedade indígena.

A aplicação de sanções drásticas face à quebra de tabus possui precedentes severos desde os tempos dos heróis civilizadores, como demonstra o episódio mítico dos *nge'cutü*, os guardas primordiais do instrumento sagrado *To'cü*.

O *to'cü* é um trompete que possui o sopro sagrado e exerce importantes responsabilidades no rito, sendo uma delas não deixar as jovens iniciadas cochilarem nem dormirem durante a noite dentro do recinto de clausura (*turi*). Elas precisam ficar em pé, acordadas e atentas à sonorização do *to'cü*, que tem a atribuição de aconselhar a jovem no tempo em que se encontra isolada da família e da sociedade, preparando-se espiritualmente para o ritual da peção.

Em tempos imemoriais, esses guerreiros sacrificaram a jovem *To'oena* devido à sua desobediência às normas tradicionais, configurando o primeiro castigo severo aplicado a uma moça iniciada (*worecü*) que abandonou seu recinto de clausura sem autorização. Após o seu martírio, ela foi levada às margens do Eware.

Após o cumprimento dessa punição exemplar — voltada à manutenção dos bons costumes clânicos —, os *Nge'cutü* metamorfosearam-se em um agrupamento de entidades de conduta severa, integrando permanentemente a categoria de *ngo'o* na cultura Magüta. Os re-





flexos dessas forças obscuras permanecem ativos no tecido social local; o *ngo'o* é percebido como uma entidade animalizada que persegue os indivíduos e os impele a atos de violência, furto e falsidade. Sob a ótica Magüta, os *ngo'ogü* corporificam a crueldade em todas as suas vertentes, semeando a discórdia, o feitiço e a desunião.

Essa dinâmica estende-se inclusive, ao plano interpessoal das aldeias, onde indivíduos comuns de índole duvidosa e propensos a malefícios são comparados a um *ngo'o* em busca de notoriedade. Tais tensões cosmológicas e morais organizam diretamente o ordenamento sociopolítico na comunidade de Vendaval — espaço de ancoragem desta investigação —, bem como em outros territórios indígenas localizados ao longo do Alto Solimões, desenhando um panorama em que o coletivo constantemente se depara com o perigo iminente dos espíritos vingadores.

4.4 Os dissidentes *ngo'ogü* como mensageiros da velhice e da brevidade da vida

No tempo primordial dos Magüta, a humanidade desconhecia a finitude da vida. Os seres humanos habitavam um estado de perenidade biológica e existencial: não adoeciam, não envelheciam e não morriam, permaneciam em eterna juventude até que uma ruptura cosmológica os inserisse definitivamente na brevidade da vida terrestre. Na arquitetura desse universo mítico, as agruras da mortalidade foram desencadeadas por um ato de desobediência e pela intrusão das potências ocultas.

Nesse cenário, os dissidentes *ngo'ogü* emergiram como os vetores definitivos da brevidade da vida, subvertendo a função dos *ü'ünegü* — os seres sagrados que detinham o mistério da velhice e o poder de conceder a imortalidade àqueles que demonstrassem merecimento para habitar o espaço sagrado. Ao lado deles, os insurgentes intensificaram a ruptura, desafiando a ordem eterna e acelerando o colapso das linhagens outrora poupadas pelo tempo. Para Rudolf Otto (2005, p. 149), “o sagrado [...] é, portanto, para nós, uma categoria composta. As partes que a compõem são, por um lado, os seus sentimentos racionais e, por outro lado, os seus elementos irracionais”.



A perda da imortalidade Magüta consumou-se no erro da jovem (*worecü*) To'oena durante o seu ritual de puberdade feminina. Enclausurada no recinto sagrado do *turi*, como mandam as severas normas de transição de fase, a moça transgrediu as interdições culturais ao atender ao chamado sedutor de um *ngo'o*. Como o contato nesse marco de passagem era restrito exclusivamente ao *ü'üne* — divindade celebrada no ritual para atrair a imortalidade ao povo —, a violação resultou em uma punição cósmica imediata: operou-se uma irreversível troca de peles entre a jovem e a entidade. O *ngo'o* apossou-se de sua juventude eterna, enquanto a *worecü* recebeu a debilidade física e a velhice como recompensa por sua transgressão. A partir desse ato, os *ngo'ogü* consagraram-se como os mensageiros da vida breve, introduzindo o adoecimento, as tribulações da morte e o estatuto de mortais sobre os Magüta e seus descendentes, igualando-os ao destino comum do resto do mundo.

Essa narrativa sobre a perda do privilégio de adentrar o santuário do Eware encontra eco na literatura antropológica clássica. Em Curt Nimuendajú (1952), o mito assume contornos rituais durante uma grande cerimônia coletiva. Naquela versão, uma jovem prometida em noivado a *Metare* (o Jabuti ancestral) cede ao desejo pelo gavião. Ao se envolverem amorosamente, os amantes vislumbram tardiamente o "couro de anta" ascendendo aos céus com os demais membros da comunidade. O desespero dos jovens marcou a percepção imediata de que haviam perdido a oportunidade de seguir rumo à imortalidade com os outros parentes, os quais permaneceram obedientes às normas do ritual de consagração (Nimuendajú, 1952).

Com força e persistência, essa memória oral cruza gerações e ecoa no presente. Por meio das narrativas dos sabedores anciãos, confirma-se como os Magüta se apartaram do tempo sagrado para submergir no tempo comum, consolidando os dissidentes *ngo'ogü* como os agentes definitivos do destino humano na esfera da morte. Nessa transmissão viva, cada testemunho atua como uma chave de leitura que atualiza os horizontes de sentido à medida que as memórias se cruzam. É nesse emaranhado de convergências e dissidências que o povo Magüta preserva a aspiração de restabelecer o elo com o eterno por meio da celebração da *worecü* (Moça Nova).



Esse anseio pela transcendência projeta uma angústia existencial na vida comunitária contemporânea. A sabedoria ancestral adverte que, em um momento imprevisível da comemoração tradicional, o espaço da maloca será conduzido pelos seres encantados rumo à sua morada imperecível. Essa premissa dialoga diretamente com a perspectiva de Pinto, Vasques e Bastos (2026, p. 31), que enfatizam a importância da “sabedoria de um povo que conta, acredita, recria e torna fascinantes os aspectos literários que buscam valorizar os conhecimentos e os saberes de pessoas experientes”.

No contexto atual, o temor de ser deixado à margem dessa transmutação cósmica constitui a principal inquietação coletiva da comunidade. Consequentemente, tal imperativo suspende a rotina secular: durante os três dias de festividade, os indivíduos abdicam de suas obrigações cotidianas para se enclausurarem no santuário da habitação tradicional. Ali, sob as insígnias de suas pinturas clônicas, os grupos aguardam o instante em que a estrutura material será erguida pelas divindades, reatualizando um passado mítico que continua regendo a existência humana.

O distanciamento do tempo de origem reconfigurou a própria organização do universo. A ruptura desse estado inicial, desencadeada pela insurgência dos *ngo’ogü*, gerou dobras inéditas no tecido cósmico, multiplicando as dimensões de existência. O espaço outrora unificado fragmentou-se em planos paralelos; as divindades e os seres imortais não desapareceram, mas foram confinados a esferas invisíveis — ocultos nas profundezas das águas ou no topo das árvores sagradas —, restando à humanidade o trânsito limitado por um mundo comum e perecível.

Dessa forma, o invisível não se afasta por completo, mas passa a tensionar o visível de forma permanente. Essa proximidade oculta converte a vida comunitária em um constante estado de vigília e expectativa mítica. A iminência de que o espaço habitado possa ser transportado pelas divindades a qualquer momento revela que, para os Magüta, as dobras do universo não são intransponíveis; elas permanecem maleáveis, guardadas pelo segredo do ritual e pela memória daqueles que se recusam a aceitar a finitude da vida como a palavra final sobre o seu destino.





5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação cumpriu o seu propósito essencial ao compreender e analisar a dissidência espiritual de *ngo'o* e a sacralidade do *ü'üne* no território imemorial do *Eware*, revelando como essas entidades e seres imortais moldam de forma viva o cotidiano, os discursos e a identidade da comunidade indígena Magüta de Vendaval. Por meio de uma abordagem imersiva e de uma escuta atenta, foi possível compreender que a espiritualidade não se restringe ao campo abstrato, mas atua como o princípio organizador da vida comunitária, das práticas sociais e da relação intrínseca desse povo com a natureza. A principal constatação deste trabalho reside no fato de que o *Eware* não é apenas um espaço geográfico ou ecológico, mas um território vivo e estendido, onde as fronteiras entre o humano, a natureza e o invisível são trazidos continuamente através de rituais e narrativas cotidianas.

O percurso metodológico evidenciou que interpretar a cosmovisão Ticuna exige horizontalidade: foi preciso dar palco e centralidade às vozes dos sujeitos indígenas para apreender como as interdições do tempo sagrado operam e ressignificam o tempo comum. Embora a tradução e a articulação dessas realidades epistemológicas distintas tenham se mostrado um desafio complexo, o estudo demonstrou com clareza que o conhecimento tradicional deste coletivo constitui uma fonte inesgotável de saberes que desafia as lentes científicas convencionais.

No âmbito acadêmico, esta pesquisa atende à necessidade urgente de ampliar os debates sobre as representações simbólicas dos povos amazônicos, oferecendo novos subsídios teóricos e metodológicos para as ciências humanas, sobretudo para a antropologia da religião e os estudos decoloniais. No campo aplicado, os resultados funcionam como um instrumento de valorização cultural, fortalecendo o reconhecimento identitário e a preservação da memória coletiva frente às crescentes pressões da sociedade envolvente e dos processos de modernização assimétrica.

Por fim, reconhece-se que este estudo se configura como um recorte delimitado e não esgota as múltiplas e profundas perspectivas de análise que o universo Magüta oferece. Dis-





tante de encerrar a discussão, as conclusões aqui apresentadas apontam para a necessidade de novas investigações. Como desdobramentos futuros, sugere-se a realização de estudos linguísticos aprofundados sobre as variações conceituais dos termos *ngo'o* e *ü'üne* entre as diferentes gerações, bem como pesquisas voltadas aos impactos da educação escolar indígena e das instituições religiosas externas na transmissão desses saberes. Recomenda-se, ainda, o desenvolvimento de projetos voltados à cartografia sagrada, aliando os relatos orais a ferramentas de proteção territorial do Eware. Espera-se, portanto, que este trabalho dialogue com futuras pesquisas, estimulando um debate integrado e permanente sobre etnicidade, espiritualidade, tradição e a sustentabilidade sociocultural dos povos originários.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia** - Análise do processo de desenvolvimento. 2^a ed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.

COELHO PINTO, M. A.; VASQUES Atos Fermin; BASTOS Maria Alcemira Félix (Orgs.). **Sabedoria Magüta: memórias culturais e os mistérios da floresta** -. Embu das Artes (SP): Alexa Cultural; Manaus (AM): EDUA, 2026.

COELHO PINTO, Maria Auxiliadora. **Magüta: guardiões da floresta** -. Embu das Artes (SP): Alexa Cultural; Manaus (AM): EDUA, 2026.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas** - 1.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Alvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

NIMUENDAJU, Curt. **The Tukuna**. Universidade da Califórnia, Press, 1952.





OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2005.

PINTO, Maria Auxiliadora Coelho. NATUREZA SAGRADA: COSMOGONIA, MITOLOGIA E SABEDORIA MAGÜTA. **ARACÊ**, [S. l.], v. 8, n. 8, p. e14227, 2026.

DOI: [10.56238/arev8n8-122](https://doi.org/10.56238/arev8n8-122). Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/14227>. Acesso em: 6 set. 2026.

PINTO, Maria Auxiliadora Coelho. **Entre vozes e ecos da floresta, da terra e do Eware**: da epifania do mistério às pujanças do ritual Ticuna no Alto Solimões, Amazonas. (Tese de doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Manaus, 2021.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação** - São Paulo: Atlas, 1987.

Recebido em: 07/09/2026

Aprovado em: 10/09/2026

Publicado em: 14/09/2026

